

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E
CIÊNCIAS HUMANAS - FFLCH

BEATRIZ PIRES DE CAMPOS BASSO

LETÍCIA SZUVARCFUTER

MATEUS MELLO DE SÁ

CADERNETA DO SOCIOLINGUISTA

São Paulo

2017

Beatriz Pires de Campos Basso

n° 9824919

Mateus Mello de Sá

n° 10324487

Letícia Szuvarcfuter

n° 10324017

Caderneta do Sociolinguista

Orientadora: Prof. Marli Quadros Leite

São Paulo

2017

SUMÁRIO

1. Introdução.....	03
2. Análise.....	04
3. Conclusão.....	11
4. Referências Bibliográficas.....	12

INTRODUÇÃO:

Este trabalho tem como objetivo estudar casos reais de diversos locais e situações de viés variacional sociolinguístico, tendo como base as pesquisas de Dino Preti, Joaquim Mattoso Câmara Jr., Paul Tessler, Elis Almeida Cardoso, Marli Quadros Leite e outros, com o objetivo de mostrar o quanto a fala coloquial popular difere-se da norma gramatical, e esta, apesar de importante para a fixação de um padrão de estudo linguístico e comparativo, não possui controle sobre a oralidade, apesar de esforços conservadores, como os vistos nas escolas, onde o estudo da língua se dá apenas à nível de “ensinar o português correto”. As seguintes observações estão organizadas pelas pessoas que foram estudadas e o que respectivamente disseram.

ANÁLISE:

- "*Coma, meu filho, coma*"

Diálogo entre Dona Margarida, 76 anos, de Maceió-AL, com seu neto, integrante do grupo.

Variação morfológica: Ao utilizar-se de “coma” no lugar de “come” na frase, há uma alteração do normal imperativo para um uso de subjuntivo no pedido. Fosse a frase tratada de acordo com a norma, o uso do imperativo tornaria esta muito mais agressiva para o interlocutor do pedido. Subjetivando-se o verbo “comer”, o mesmo adquire um tom mais casual e menos de ordem. Tais afirmações foram pesquisadas e feitas por Jeferson Alves, Maria Marta Pereira Scherre e Dilcélia Almeida Sampaio, sintetizadas no artigo “O Imperativo Singular em Histórias em Quadrinhos Baianas”, pelo próprio Jeferson Alves.

Atualmente, é possível observar em contextos de fala ou escrita [+ dialogada] – como é o caso das Histórias em Quadrinhos (doravante HQ) produzidas em várias regiões do país – duas formas variantes para expressão variável do imperativo singular (na polaridade afirmativa), uma que é homônima à 3ª pessoa do presente do indicativo (canta, bebe e parte) e outra que é advinda do presente do subjuntivo (cante, beba e parta), ambas em contextos dos pronomes tu e você quanto em contextos em que há alternância de tu/você e/ou você/tu. Contudo, pesquisas revelam que a variação não se dá por conta de tais pronomes e sim por questões geográficas (ALVES; ALVES, 2005; SAMPAIO, 2001; SCHERRE, 2007), apontando que nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste os falantes se utilizam de formas indicativas para expressão do imperativo singular e que na região Nordeste se utiliza de formas subjuntivas para o mesmo fenômeno lingüístico, revelando, por tanto, que não há estigma por nenhuma das variantes em questão e que os falantes das regiões que se utilizam das formas indicativas, por vezes, **percebem o imperativo expresso pelo subjuntivo como uma ordem menos branda**. Outras pesquisas apontam que nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste houve mudança de uso entre as décadas de 1980 até os dias atuais e elucubram sobre a influência do contexto da ditadura militar para tal mudança (ANDRADE; MELO; SCHERRE, 2007a; 2007b, “**grifo nosso**”)

Vale também notar o duplo uso do subjuntivo, dando à frase um aumento de expressividade pessoal. O caso demonstrado acima seria um vício de linguagem regionalizado, mais recorrente na região Nordeste. O falante, ao fazer um pedido, tende a tanto iniciar quanto terminar a sentença com o imperativo do mesmo verbo. Isso acontece em situações mais casuais e cotidianas, como é o caso de uma avó falando afetivamente para seu neto.

- "*É muié, fui no médico pra ver os *pobrema* do *estrômbado**"

Diálogo entre Dona Maria, doméstica, 64 anos, com sua patroa Ana Marta.

Caso provavelmente causado pela escolaridade precária, resultante de uma baixa renda.

Variação morfológica: Nota-se na frase o uso anormal das palavras “mulher”, “problema” e “estômago”. Para “muié”, acontece, além da troca do -lh por -i, a eliminação do -r ao fim da palavra. O caso de “pobrema” caracteriza-se por uma troca do -l por -r, um rotacismo, mas também exclui o primeiro -r original da palavra normatizada (“problema”, “probrema”, “pobrema”). Ao que parece, o -r inicial da palavra passou para a segunda sílaba, “engolindo” o -l. Enquanto “muié” e “pobrema” são palavras recorrentes no vocabulário de pessoas com esse perfil ou que vivem em zonas periféricas, não tendo muito acesso a uma educação de qualidade, “estrômbado” é uma singularidade. Uma série de eventos e mudanças tornaram a palavra “estômago” em outra significativamente diferente, havendo a inclusão de um -r depois do -t, um -b depois do -m e uma troca do -g por um -d. De acordo com a pesquisa realizada com a entrevistada, a palavra acabou modificando-se e tornando-se uma variação irreversível à fala de Dona Maria, também sendo uma aplicação inconsciente e constante da mudança nesta.

Quanto ao pouco acesso à escolaridade e como este fato afeta a linguagem de um indivíduo, essas informações podem ser ancoradas pelas afirmações de Joaquim Mattoso Câmara Jr. em seu livro “Problemas de Linguística Descritiva”:

É claro que um código normativo de falar e escrever “corretamente” (isto é, de acordo com uma convenção social, bem radicada, que põe numa escala estimativa as diversas modalidades de língua vigentes no país) é útil - e mesmo necessário - por motivos a bem dizer extralinguísticos. À estratificação na maneira de falar e à dialetização no espaço se contrapõe, nas sociedades mais ou menos politicamente coesas, uma “língua-padrão”, mais unitária e homogênea, e é dela que se tiram o lineamentos para o ensino da língua materna na escola. Tem toda razão Tonnelat: “Não há língua comum sem ensino escolar e este tem de assentar necessariamente numa regulamentação imperativa”. (JÚNIOR, 1971, p. 9-10)

- “Beleza, depois *nois* se *tromba* por aí”

Diálogo entre integrante do grupo em uma conversa casual com Nicolas Duarte, 18 anos, no dia 27/05/2017, morador da periferia da zona norte de São Paulo.

A primeira observação a ser feita quanto a fala do interlocutor é a mudança do pronome de primeira pessoa do plural, “nós”, para a forma coloquial “nóis”. Um -i foi adicionado à palavra, isso acontece em certas situações em que a escrita imita a fala, e não o contrário, como em casos de palavras terminadas em -o, porém com som de -u (campo, canto), e, por exemplo, também no termo “paz”, que possui o som [*paɪs*]. Segundo Tessyer

em seu livro *“A História da Língua portuguesa no Brasil”*, “A pronúncia chiente do –s e –z em final de palavras provoca, não raro, o aparecimento de um iode; ex.: atrás, luz, pés, pronunciados como [atrays], [luys], [peys]”. Portanto, devido à pronúncia, algumas pessoas podem vir a escrever de modo não correspondente à gramática normativa, e sim de acordo com o que sai da boca delas, seguindo muito, mesmo que inconscientemente, a filosofia da fonética, que não considera a ortografia, e sim os sons vocálicos e consonantais na hora de transcrever os vocábulos.

Parafraseando Mattoso, em seu livro de *“Problemas de Linguística Descritiva”* a língua escrita se sobrepõe à oral, já que é responsável por reger a vida geral e superior do país, invertendo portanto a verdade linguística de que a escrita decorre da fala e é secundária em referência a esta.

Logo, é possível dizer que embora a linguística descritiva queira defender ser a escrita o resultado da fala, no exemplo acima temos o exato oposto, já que o resultado da forma oral “nós”, não é aceito na grafia desta descrição, para uma melhor correlação com a forma realizada de fato.

Esse termo marginalizado é muito utilizado entre jovens em conversas coloquiais. Porém a partir daí surge um outro ponto, o “nóis” com a concordância do termo “a gente”. Caso fosse isso o dito, a gramática apoiaria, porém no caso de “nós”, a forma reflexiva usada deveria ter sido “nos”, e o verbo “tombamos”, conjugado na primeira pessoa do plural do presente do indicativo, o que não acontece na fala demonstrada.

Como é visto no artigo de Marli Quadros Leite sobre variação culta e popular, casos como esse são muito recorrentes a um certo grupo de pessoas com um determinado perfil, normalmente pessoas de baixa renda, com um nível precário de escolaridade, e/ou que residem em áreas periféricas ou baixo subúrbio. Podemos tomar de exemplo uma das entrevistas relatadas no artigo: *“minha mãe como eu falei né? antes que ela morava ness/nesse local aqui... ela:: sustentava **nóis** com a ajuda dos outros moradores com a ajuda dar’madames que ela pedia as coisas na rua...”*

Quando Mattoso diz, portanto, que “o estudante normal já vem falando com eficiência e propriedade, embora precise aperfeiçoar, ou até inteiramente aprender o uso da língua-padrão”, verificamos como verdade, já que a comunicação é perfeitamente estabelecida, porém para o aprendizado e utilização da língua-padrão, um bom ensino é requerido.

Por último, deve-se destacar a utilização da gíria “trombar”, que tem o significado de “se encontrar”, “se ver” e surgiu em áreas periféricas, porém sem ter tomado as grandes proporções do “nóis”, se limitando ainda a grupos mais marginalizados e afastados da cidade. O verbo “trombar” quer dizer “chocar-se contra algo”, e logicamente na frase não se refere a um grande choque entre duas pessoas, portanto uma palavra pertencente à língua portuguesa teve seu sentido levemente modificado, e foi incorporada ao vocabulário de um certo meio, sendo assim um caso de expressividade.

No artigo de Elis Almeida Cardoso sobre “A Expressividade das Criações Lexicais Estilísticas Formadas por Derivação Sufixal” é dito que:

Essa forma de criação está ligada à originalidade de expressão do indivíduo criador, à sua facilidade para criar, à sua liberdade de expressão, deixando de lado os modelos conhecidos ou até mesmo indo contra eles.

Sendo possível assim concluir que o ser humano possui uma grande liberdade de modificar palavras ou de até mesmo criá-las, principalmente em registros orais, para expressar o que sente, e o que deseja, mesmo que isso vá contra às normas gramaticais ou o que está escrito em dicionários.

- "*Mano*, esse cara tá muito *tiltado*"

Expressões utilizadas por Arthur Dutra, 19 anos, estudante de Física na USP de São Carlos. Conversa sobre o jogo League of Legends, em 18/05/2017, ocorrida enquanto Arthur e seus amigos estavam assistindo a uma partida do mesmo jogo na casa de um deles.

Esse caso não se concentra em uma região física ou geográfica, e sim a um ambiente virtual, mais especificamente no jogo online League of Legends (LOL). “Tiltado” é uma gíria muito utilizada pelos jogadores para expressar o comportamento errático de outro jogador.

O termo remete a “dar tilte”, que significa um aparelho parar de funcionar, ou quando ele apresenta um comportamento inesperado. É um caso de estrangeirismo, vindo da palavra inglesa “tilt”, que pode ser traduzido como “inclinado”.

A palavra provavelmente chegou ao Brasil no contexto das máquinas de pinball, em que alguns jogadores inclinavam as máquinas para obter vantagem no jogo, direcionando a bolinha como queriam. Com o passar do tempo, a palavra foi se aportuguesando, sendo proferida então como [t i l t i], e à forma “tilt” foi adicionada a vogal temática “a”, a mais produtiva no português, formando assim o verbo no infinitivo “tiltar”. Seu significado passa a

ser o de algum comportamento anormal, inicialmente de máquinas, mas atualmente usada até mesmo para se referir a pessoas. O termo se tornou tão recorrente no Brasil que passou a ser conjugado, como “Aquele jogador tiltou, olha como está jogando esquisito”, e assim chegamos à forma “tiltado”, equivalente ao particípio passado. Apesar de a forma “dar tilte” ser recorrente e ocorrer em diferentes contextos, como por exemplo, “Maria deu tilte depois de descobrir a traição do marido”, o termo conjugado como “tiltou” ou “tiltado” é produtivo quase exclusivamente em contextos de jogos virtuais.

A questão do estrangeirismo já causou muita polêmica entre os linguistas e gramáticos (por vezes, até por leigos que entram na discussão, como no caso do deputado Aldo Rebelo), sobre serem positivos e renovadores da língua, ou negativos, remetendo-se a dar-se um maior valor a uma outra língua, o que de alguma forma seria ameaçador para a primeira. O fato é que eles ocorrem, e em relação aos provenientes do inglês, há um inegável aspecto imperialista na discussão. Há de se tomar cuidado, entretanto, na exposição de um argumento nesse sentido, para não cair em preconceitos linguísticos ou na noção de um “português correto”, que é o que acontece com o deputado, de acordo com o analisado na crítica de Fábio Della Paschoa Rodrigues, “Em Defesa da Língua: Um (Inter)Discurso Polêmico”.

Já a expressão “mano” tem origem na periferia do Rio de Janeiro, e atualmente é produtiva em praticamente todo o Brasil, ainda que em contextos informais. Vale lembrar o que foi dito por Sírio Possenti em “Gramática e Política”: o fato de um tipo de registro se dar apenas em situações informais não significa que tal registro tenha menos valor. Trata-se apenas de uma questão de adequação:

Não existe erro linguístico. O que há são inadequações de linguagem, que consistem não no uso de uma variedade, ao invés de outra, mas no uso de uma variedade ao invés de outra numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de fala. Assim, é tão inadequado (não errado) dizer-se “Vossa Senhoria quer fazer o obséquio de me passar o sal” numa refeição em família quanto dizer-se “Ô, meu chapa, que fazê o favor de demití o Ministro X que ninguém mais tem saco pra guentá ele?” ao Presidente da República numa reunião do Ministério. Mas não se diga que esta última frase está errada. Ela é uma frase do português, tem regras próprias. Nos exemplos, trata-se apenas de gafes análogas a ir à praia de smoking ou a um jantar formal de bermudas. O “erro”, portanto, se dá sempre em relação à avaliação do valor social das expressões, não em relação às expressões mesmas. Não fosse assim, seria como considerar mal acabado um colete por não ter mangas.

Dessa forma, o grupo entende que esse registro é uma variação situacional, ocorrido em extrema informalidade, quanto à “mano”, e em um contexto específico de jogo virtual, quanto à “tiltado”, ambas as variações a nível lexical.

- "Henha! Como assim?"

Expressão utilizada por Juliana Kushmerick, 18 anos, estudante de Ciências Sociais na FFLCH, no dia 05/05/2017. Em uma conversa informal com os amigos, no Espaço Verde do prédio de Ciências Sociais, Juliana, do Sul de Minas, proferiu essa interjeição para exprimir um sentido de surpresa. Quando questionada sobre a interjeição, ela disse que era extremamente comum em sua região natal, e que seu significado equivalia ao comum "Nossa!".

A partir do estudo do texto de Marli Quadros Leite, "Partes do discurso/Classes de palavras: um estudo das ideias sobre a interjeição em gramáticas portuguesas", entendemos que:

Apesar de não existir um acordo sobre as interjeições entre os estudiosos da língua portuguesa, o linguista Tesnière realizou um estudo com o intuito de colocar ordem no "caos" que permeava os estudos relativos ao assunto; ele tinha por objetivo identificar as interjeições e classificá-las. De acordo com o seu esquema, a interjeição aqui analisada seria a do tipo 1 (interjeição impulsiva), pois expressa a "ação do mundo exterior sobre o sujeito falante". Nesse caso, a ação seria o comentário anterior feito por um amigo de Juliana, o qual causou-lhe espanto e surpresa.

As interjeições, tomadas como palavras-frase para o linguista francês (*phrasillons*), recebem também o seguinte comentário de Paul Herman:

As interjeições de que de ordinario nos servimos foram aprendidas pela tradição do mesmo modo que os demais elementos da linguagem. É só em virtude da associação que se tornaram enunciações involuntárias; e é por isso que as expressões para a mesma sensação podem variar nas diversas línguas e dialectos e também nos diversos individuos do mesmo dialecto segundo aquillo a que se acostumam. (Herman Paul, 1880, apud Ali, 1930: 156)

Já na gramática de João de Barros, a interjeição aparece como "a parte que indica os estados de alma", e portanto, "tem tantos significados como são os efeitos da alma". Enquanto isso, há linguistas que nem distinguem a interjeição do advérbio, ou que nem a classificam como uma outra classe de palavras (ou parte do discurso). Na "Arte da grammatica portugueza", entretanto, de Pedro José de Figueiredo (1799), é dito que "[as interjeições] que o uso ensinará, as quaes, sómente se conhece, o que significam segundo a ocasião, e o tom, com que se proferem, e pronunciam."

Dessa forma, a interjeição contida neste caderneta, analisada com base no trabalhos de Tesnière e de Paul Herman, além de João de Barros e de Figueiredo, é entendida como

produto de uma variação regional. Ela explicita o estado de surpresa da alma, entendimento para o qual corroboram o tom utilizado, a ocasião e a pronúncia; ela traduz um impulso do falante, como resposta a um estímulo exterior; e finalmente, varia em relação aos outros dialetos do português, já sendo produtivo no Sul de Minas e causando estranhamento em São Paulo. Disso depreendemos o caráter regional da variação, no campo lexical.

CONCLUSÃO:

Após a leitura desta caderneta, é possível notar a conexão entre fala e escrita, oralidade variável e norma gramatical. Vale retornar à afirmação de Sírío Possenti sobre o falar culto e popular, já utilizado no trabalho, devido à acurácia de como as observações são feitas: “Não existe erro lingüístico. O que há são inadequações de linguagem, que consiste não no uso de uma variedade, ao invés de outra, mas no uso de uma variedade ao invés de outra numa situação em que as regras sociais não abonam aquela forma de fala”. Sendo uma forma de comunicação, cabe à oralidade servir a este solo propósito, seguindo uma formalidade similar à escrita ou tomando inúmeros caminhos e mudanças ao longo da história, de modo que seja satisfeita a necessidade de compreensão entre os membros de um mesmo dialeto e sua cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Jeferson; ALVES, Aiala Paloma Oliveira. *A expressão variável do imperativo singular na língua falada em Salvador*. Salvador: Faculdades Jorge Amado, Curso de Letras, Trabalho de Conclusão de Curso, 2005.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, Ano 3 – número 1 – Agosto de 2007a.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *História e variação lingüística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica*. In: *Anais do V Congresso Internacional da Abralín*. Minas Gerais: UFMG, 2007b.

CARDOSO, Elis de Almeida. *A Expressividade das criações Lexicais Estilísticas Formadas por Derivação Sufixal*. São Paulo. Encontrado em filologia.org.br/ileel p.1066

JÚNIOR, Joaquim Mattoso Câmara. *Problemas de Linguística Descritiva*. Editora Vozes, 1971.

LEITE, Marli Quadros. *Português culto e popular: entrelaçamentos*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008.

LEITE, Marli Quadros. *Partes do discurso/Classes de palavras: um estudo das ideias sobre a interjeição em gramáticas portuguesas*. *Revista de Estudos Linguísticos da Univerdade do Porto* - Vol. 11 - 2016 - p. 199-225

POSSENTI, Sírio. *Gramática e Política*. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, 3, p. 64-69, nov. 83

RODRIGUES, Fábio Della Paschoa. *Em Defesa da Língua: Um (Inter)Discurso Polêmico*. Encontrado em unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00001.htm

TEYSSIER, Paul (2001). *História da língua portuguesa no Brasil*. Tradução do francês por Celso Cunha. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1980.